

DESASSOSSEGOS PESSOANOS

Teresa Rita Lopes

Recebi - mediunicamente - uma comunicação de Álvaro de Campos a apresentar neste Congresso. Pediu-me ele que a dedique ao nosso querido e comum amigo Eduardo Lourenço aqui ao meu lado. Vou começar então a ler o psicografado texto - melhor dizendo: autopsicografado.

Mal sabia o Fernando o desassossego que ia levantar quando, logo nos primeiros tempos da sua escrita em português, teve a ideia de escrever o *Livro do Desassossego* – que, inicialmente, assinava com o seu próprio nome. “Desassossego”, palavra banal em português, serve bem para classificar o que tem sido e vai continuar a ser a revelação da obra do nosso Pessoa – que me apetece chamar um desassossegador de almas. É verdade que a nossa língua suporta bem o neologismo. Já o mesmo não acontece com a francesa: curiosamente, os franceses criaram uma palavra nova para traduzir “Livro do Desassossego”: “de l’Intraquillité”, palavra que começaram a usar a partir daí – eles tão avessos a inovações linguísticas... *Chapeau*, meu caro Fernando! Você disse querer ser um “indisciplinador de almas”... Mas eu acho que “desassossegador” vai melhor com essa sua inclinação prós travessuras que poucos lhe conhecem. E é pena, porque perdem uma das suas mais saborosas facetas...

O meu querido amigo Eduardo Lourenço fala do “desassossego semântico e hermenêutico” que o L. do D. tem levantado. E chama-lhe “livro suicidário”. Permita-me que discorde: o Fernando suicidou-se por interpostas pessoas: o Barão de Teive e o Marcos Alves. O L.do D. só será um “não livro”, como o meu amigo lhe chama, porque o Fernando não teve tempo de vida para o concluir – nem o L.do D. nem, aliás, todos os outros livros que deixou em aberto – mas não foi por não os querer fechar, apenas porque não teve tempo de vida para o fazer. Anda por aí muita boa gente a dizer que isso é muito pós-moderno e que ele só deixou fragmentos porque tinha horror ao acabado, fiando-se em algo que o Fernando uma vez escreveu, de facto, mas quando não se encontrava na sua perfeita identidade – devia estar a fazer de mim! Por mim, confesso que abomino essa sua obsessão quase maníaca pelo conjunto, pela arquitectura da obra, até dos seus-meus poemas. Veja o que ele diz da minha “Ode Marítima”: “uma maravilha de organização”! E afirmou que o poeta tumultuoso, à Walt Whitman, em desafio aos Futuristas que me fez ser, nos meus primórdios, tinha um poeta grego lá dentro! E orquestrou-me a “Ode Marítima” como um sinfonia, com 4 andamentos! Foi ele, quando a passou a limpo para a publicar no *Orpheu 2*, que a espartilhou a seu bel prazer! E desconfio que, se não publicou as minhas outras grandes Odes da altura, foi porque não teve tempo, inspiração ou pachorra para as orquestrar também! Eu, sim, é que tenho o mais profundo desdém pela organização que os clássicos impõem às suas e alheias obras e dessas minhas grandes odes só escrevi passagens, que o Fernando orquestrou – quando o fez. Perceba-se de uma vez por todas que o Fernando é estruturalmente um clássico, foi essa a sua formação. Qual modernista qual carapuça! Isso foram disfarces mais ou menos carnavalescos com que se entreteve com a rapaziada do tempo, sobretudo com o Sá-Carneiro, que, como

todos os provincianos, tinha o deslumbramento da modernidade e do estrangeiro – sobretudo de Paris, donde então vinham os meninos e as modas!

O Fernando só estruturou duas obras para publicação: a *Mensagem*, em 1934, – e vejam como se aplicou! – e *Mad Fiddler*, em 1917, que tem a arquitectura simbolista de um templo, com alcance iniciático e tudo! Teve azar, o editor inglês, a quem mandou o livro, recusou-o redondamente. Foi uma das grandes decepções da sua vida ! A sua maior ambição literária era ser considerado um grande poeta em língua inglesa. Portugal era a sua aldeia, a sua parvónia, que ele se lhe meteu na cabeça cultivar! Quando voltou para Portugal, em 1905, havia mais de 80% de analfabetos! Muitas vezes lhe censurei esse seu nacionalismo bacoco, essa sua mania de meter nos eixos um povo que descarrilou desde Camões – ou das Descobertas, o que vem a dar no mesmo! O Fernando queria desassossegar os portugueses para voltarem a ser quem tinham sido, - imagine-se! - para se porem à procura de quem eram! Levou a vida a compor a *Mensagem* com essa intenção: “A busca de quem somos /na distância de nós”!

Mas voltando ao *Livro do Desassossego*: se o livro continua em aberto é porque os seus organizadores não o sabem fechar! Se é um “não livro”, como diz o meu amigo Eduardo Lourenço, é porque eles não sabem constituir o planeado *Livro do Desassossego* ! Planeado, sim senhor, e através de muitos planos! O Fernando, como o seu mestre Mallarmé, tinha a obsessão do “Livro”, com maiúscula, LE LIVRE - megalómanos que, a este respeito, ambos eram.

De todas as edições publicadas, confesso que a que mais me agrada é a primeira de todas, essa de que ninguém fala e poucos conhecem, de um tal Petrus, um cidadão do Porto, Pedro Veiga, que teve a feliz ideia de editar em livro, pouco depois do Fernando morrer, todos os trechos do L.do D. , assinados Bernardo Soares, que o Fernando foi publicando desde 1929 até ao fim da vida. Este critério é o melhor deles todos porque resulta duma escolha do Fernando: ele quis publicar aqueles textos, elegeu-os, a eles e não a outros . Reuni-los é respeitar uma vontade sua. Os outros editores do L.do D. não têm qualquer critério defensável, que o Fernando aprovasse – punha as minhas mãos no fogo. Quando as pessoas falam e se entusiasmam pelo L.do D. têm só o do Bernardo Soares no horizonte. Agora que houve outros Livros do Desassossego, ah lá isso houve! Não temos é tempo agora para tirar isso a limpo, que há outros desassossegos para passar em revista.

A história do *Orpheu 3* foi outro dos grandes desassossegos pessoais que durou 68 anos – desde que, em 1916 o Fernando e o Sá-Carneiro o compuseram, e 1984, data em que foi finalmente publicado!

Sabemos que o Fernando e o Mário o prepararam em 1916 – em 4.9.1916 o Fernando escreve a Armando Côrtes-Rodrigues que o *Orpheu 3* está prestes a sair. Em Julho de 1917, estaria quase todo impresso: é o Fernando que escreve ao José Pacheco, pedindo-lhe para passar por casa dele nesse dia, que lá estará trabalhando na colaboração do A. de Campos, só o que faltava ultimar para concluir esse número da revista! Diz nessa carta que está em casa “preparando o Álvaro de Campos, que ainda falta concluir”. O Fernando hesitava então entre publicar a minha “Passagem das Horas”, dedicada ao Almada, de que eu tinha escrito, à minha boa maneira, várias passagens, e “Saudação a Walt Whitman”, também na mesma situação. Já sabem que ele tinha a obsessão da estrutura, por isso sofria horrores para dar a essas odes uma arquitectura à maneira dele. Não sei bem se o *Orpheu 3* não chegou a sair porque ele não acabou de estruturar as minhas odes, ou porque faltou o dinheiro com que para isso contava. Se calhar foi pelas duas razões. A verdade é que acabou por

não sair colaboração minha no dito *Orpheu 3*, quando finalmente foi editado – só 68 anos mais tarde!.

Esse *Orpheu* esteve tão terminado que o Fernando o mencionou no prefácio a uma “Antologia de poetas Sensacionistas” que se preparava para publicar em inglês, ainda em vida do Sá-Carneiro (aí anunciava a minha “Saudação a Walt Whitman”, mais sensacionista, de facto, que a “Passagem das Horas”!).

Diga-se que o Fernando continuou sempre firmemente apegado à decisão de o publicar e, na separata que editou do meu panfleto “Ultimatum”, que fez curiosamente sair um mês ou dois antes da revista em que será republicado, o *Portugal Futurista*, anuncia o aparecimento do *Orpheu 3*, em Outubro 1917!

Optimismo o seu! E aí menciona a publicação, na revista, da meu poema “Saudação a W. Whitman”, aparentemente considerado o seu prato forte!

Dezoito anos mais tarde, na revista *SW*, dirigida pelo Almada, nascida no mês e no ano em que Fernando se foi deste mundo, Novembro de 1935, a publicação de *Orpheu 3* é de novo anunciada! E, de novo, em vão!

Em 1948, Alberto de Serpa, poeta e bibliófilo residente no Porto, obtém, sabe-se lá como – um conto policial que o Fernando gostaria de ter contado – um jogo de provas completo do dito *Orpheu*! Mas não os publica – vá-se lá também saber porquê.

O excelente Casais Monteiro, sabendo que o Alberto de Serpa sonhava ciosamente esse jogo de provas, foi a casa da família do Fernando à cata doutro jogo semelhante, que imaginou lá existisse – e imaginou bem! Mas apenas retirou e publicou, em 1953, “os poemas inéditos” do Fernando, destinados ao *Orpheu 3*, que lá constavam. Só que achou que o C. Pacheco do poema “Para além d’outro Oceano” era um heterónimo pessoano – e como tal o publicou também. Acontece que “Para além d’outro oceano” é obra de um C. Pacheco de carne e osso!

Bom, se o *Orpheu 3* levou 68 anos a ser publicado, este poema levou 95 a ser atribuído ao seu verdadeiro autor, o José Coelho Pacheco – que existiu, sim senhor, até foi Director da revista *Renascença* em que o Fernando se estreou como poeta com “Pauis” e “O sino da minha aldeia”, num díptico que intitulou “Impressões do Crepúsculo”!

Para continuar a seguir a penosa trajectória do *Orpheu 3* até à sua edição, refira-se que, em 1958, Armando Côrtes-Rodrigues instava com o cunhado de Pessoa, Coronel Caetano Dias, para que publicassem *Orpheu 3*, e que este lhe respondeu, em carta (inédita, que Anabela Almeida generosamente me deu a conhecer) que sim senhor, ia falar com o Alfredo Guisado e o Almada Negreiros para conseguirem que o dito *Orpheu* saísse até ao fim desse ano! O empenho não foi muito, já que ele não saiu.

Só em 1977, Alberto de Serpa depositou na Biblioteca Municipal do Porto fotocópias das provas que sonhava – que acabaram por servir de base à primeira publicação de *Orpheu 3*, em edição fac-similada, pela Nova Renascença, em 1984! Levou 68 anos a ser publicado!

Mas a revelação da verdadeira identidade de C. Pacheco levou ainda mais tempo.

Durante 95 anos aceitou-se como certo que o Fernando colaborara nesse 3º número com um poema “Para Além doutro Oceano”, do “heterónimo”- outros chamavam-lhe “sub-heterónimo - C. Pacheco, com a indicação, em subtítulo, “Notas” – que, aliás, foi sendo omitida nas reproduções posteriores.

O prefaciador da edição da *Ática*, que sucedeu à da Nova Renascença, Arnaldo Saraiva, faz mesmo desse poema uma exaustiva exegese universitária, sem pôr minimamente em dúvida que ele fosse do Fernando, achando-o mais na linha de Caeiro do que na minha, e etc e tal... Só em Abril de 2011 uma piquena que há muito se dedica a estudar-nos, Teresa Rita Lopes, publicou um artigo no *Jornal de Letras* em que dá “o seu a seu dono” – título do dito artigo.

Outro grande desassossego ainda não resolvido é o da situação do Espólio do Fernando – que ficou em poder da família, aberto aos manuseadores que o foram desarrumando para o editar, como Deus foi servido – e mal servido, por acaso. Como não havia, na altura, máquinas fotocopiadoras, escolhiam, da arca, o que melhor se lia, sobretudo o que o Fernando tinha dactilografado, e levavam directamente para a tipografia – onde muitos desses originais se perderam. Mas os acrescentos à mão que o Fernando fazia, cada vez que relia os seus textos, os tipógrafos não os entendiam e passavam adiante.

Depois os publicadores desses originais faziam trouxas com o que iam publicando – ainda assim figuram, no espólio. Os conjuntos assim constituídos são da responsabilidade dos editores e, o que é pior, destruíram a organização que o Fernando tinha começado a dar à sua obra, pressentindo que a Grande Viagem estava iminente. A edição da *Ática* e suas derivadas – todas, até 1990, através da qual as pessoas conheceram Pessoa – tem este elevado grau de fiabilidade! Neste ano, a Edição Crítica fez a sua aparição – mas foi pior a emenda que o soneto : pôs-se a reescrever a obra do Fernando, pretendendo aplicar um critério filológico muito moderno, “crítico-genético”, lhe chamam: os textos resultantes dessa operação cirúrgica, em que substituem o que o Fernando escreveu, e não riscou, pelas alternativas que, a cada releitura, ia acrescentando - por cima, por baixo, ao lado, às vezes até as anotava logo, entre parênteses - são absurdos abusos, enxertos à Frankenstein! Apareceu uma piquena, que herdou do Fernando essa costela desassossegadora, a tal TRL, que se esfalfou a denunciar esses tratos. O resultado é que a colecção já foi fechada sem o livro do Mestre, os Poemas de Caeiro! É que o capataz dessas edições, autor duma edição do “Guardador de Rebanhos”, do nosso Mestre, para a *D. Quixote*, anteriormente por ele apresentada como modelo filológico de todos os volumes da Edição Crítica, e demolida pela tal piquena, já não se atreveu a dar a público a dita obra poética do nosso Caeiro, que deveria ser a jóia da coroa da Edição Crítica!

Mas os desassossegos renovam-se porque a família do Fernando apareceu com mais mini-arcas, parece que aí uns 2.000 e tal papéis, que começaram a vender em leilões! Dizem que são papéis sem importância, mas todos os papéis do Fernando são peças não só de um mas de vários *puzzles* que importa reconstituir, porque as peças estão todas misturadas!

O problema é que tudo o que diz respeito ao Fernando atingiu alto preço numa mundial bolsa de valores: encaram-no por esse inculto mundo fora como o Ronaldo da Literatura! (A este até já lhe fizeram um museu como o Fernando ainda tem!) E pensar que o Fernando viveu sempre com a “vidinha tilintada em magros cobres”, como diz do povo português o magnífico poeta Alexandre O’Neill! Outro permanente desassossego é a atribuição ao Fernando de papeladas que os manuseadores do seu espólio lá encontram: uma delas foi um romance, *Eliezer*, editado por uma excelente senhora italiana, Amina di Munno, amadrinhada por outra não menos excelente divulgadora do Fernando em Itália, Luciana S. Picchio – que é, afinal, uma autobiografia de um amigo do Fernando, um judeu russo,

Eliezer Kamenesky, de quem ele condescendeu prefaciá-los uns indigentes poemas, para um livro *Alma Errante* – em que falou de tudo menos dos poemas. O Fernando, como o meu querido Eduardo Lourenço, não sabia dizer “não” nem ao seu cão – que, aliás, não tinha.

Mas o mais gritante é a descoberta que quer fazer o autor de uma recente biografia, José Paulo Cavalcanti Filho (*Fernando Pessoa – uma quase autobiografia*, Porto, Porto Editora, 2012) de que muitos dos poemas do Eliezer são do próprio Pessoa – que lho compunha a troco de uns trocos que o alfarrabista lhe dava para a aguardente! Bem, esse dislate ao lado das centenas deles que povoam a dita biografia tem a insignificância de um mero lapso: esse livro é um amontoado de falsidades e parvoíces que me puseram a rir à gargalhada! Mas parei ao lembrar-me de que foram distribuídos pelas bibliotecas das escolas 650 exemplares desse manual! Senhores professores, preparem-se para ler nos exercícios escolares dos vossos alunos que o Pessoa teve 207 heterónimos - 127 puro sangue mais 75 assim assim, mas que contam para os tais 207! Nessa caça ao heterónimo vale tudo: Pessoa conta 3 vezes, como heterónimo de si próprio! Qualquer nome próprio que apareça na obra, personagem de ficção, por exemplo, lista com ele! até personagens de textos alheios nomeados! E não se atrapalha para aí meter nobre gente a valer como D.Sebastião, o Pe Mattos, Caturra Júnior, C. Pacheco, A. Botto, Mário de Sá-Carneiro, o primo Mário de Freitas e até a Ophélia aparece como, chama ele, “anti-heterónimo”!

Esqueceu-se de lá pôr Afonso Costa mas afirma que ele polemizou comigo no jornal *A Capital*, chamando-me bêbado! A polémica foi entre mim e um jornalista desse jornal. O Afonso Costa foi assunto e limitou-se a cair do eléctrico.. Mas esta “inverdade” (como os políticos agora dizem – e o autor é um deles!) é uma entre centenas: diz que o Pessoa e a Mãe são ateus, imagine-se! Que o Fernando esteve para casar com a filha da lavadeira (não percebeu que sou eu que digo, num poema, que, se calhar teria sido mais feliz se isso me tivesse acontecido...). Com a vida dos heterónimos também faz umas deploráveis confusões: diz que o Ricardo Reis era judeu português – confundindo-o comigo, claro! Mas todo o livro é uma confusão pegada! Ah! Até avança com uma data falsa de uma carta do Sá-Carneiro para dizer que o Reis já existia em 1912, e que o Mário o felicitou pelo seu nascimento nessa data – quando a carta, publicadíssima, é de 13.6.14! Mas essa prática de inventar o que lhe convém é corrente: no capítulo “Pessoa e o Brasil” fabrica um título para um poema que o não tem, “Catullo da Paixão” (p.405, vão lá ver!) a um poema que se refere a um outro Catulo, o poeta latino...

Imagino os alunos a entender o “drama em gente” através dos seus comentários de textos, por exemplo a “Autopsicografia”, em que explica que o vício de fingir é, para o Fernando, seu “jeito de ser”, como o de beber. E inventa que para o fim da vida o Fernando se deixou dessa mania dos heterónimos, e que decidiu publicar tudo com o seu próprio nome!

Os atropelos e invenções em relação à obra são da mesma dimensão que à biografia do Fernando: até inventa que o Caeiro, que nunca escreveu uma linha de prosa, assinou um artigo na revista *SW*, “Nós os de Orpheu”! E põe o Caeiro a arrumar-me com o comentário “é só um bom homem mas está bêbado” – que é o que eu, nas minhas “Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro” o faço dizer de S. Francisco de Assis!

E as 710 páginas são preenchidas por abundantes montagens de textos estropiados, a que chama “colectas”, em que mistura textos de toda a família heterónima com outros não se sabe de quem (outra das práticas do autor é pilhar a torto e a direito

tudo o que lhe convém!). Em geral, o autor exprime-se tão mal que não se percebe o que quer dizer – o que é tanto melhor, porque, quando se entende, normalmente é mentira! Não me perdoe o tempo de vida que perdi a ler e anotar essas páginas todas! – como seguramente nenhum dos seus numerosos comentadores e premiadores fez, apostaria mesmo que nem o seu autor porque – como declarou – esse livro é obra de uma equipa paga para o efeito! Aliás percebe-se, pelo desconjuntado da escrita, que o livro é fruto da montagem de textos de diversas proveniências!

E já me calo, mas tenho anotadas todas as provas de que este livro é um delito de lesa-cultura – de lesa-lusa-cultura! O Fernando convenceu-me de que era nosso dever cívico denunciá-lo. E o incómodo que isso me tem dado! A mim e à tal piquena! Mas também nós não sabemos dizer “não” ao nosso querido Fernando!

Assinado por quem assume inteiramente as afirmações de Álvaro de Campos:
Teresa Rita Lopes